

UMA DISCUSSÃO SOBRE A CATEGORIA DE GÊNERO NO PORTUGUÊS DO BRASIL*

Bruna Elisa da Costa (PPGL/UnB)
Marcela Bravo Esteves(PPGL/UnB)

RESUMO

Este artigo pretende apresentar uma discussão sobre a categoria de gênero com base na análise de exemplos do Português do Brasil (PB) no âmbito da língua comum e da linguagem de especialidade. Os casos de ‘meninada’ e ‘molecada’, da língua comum, e ‘a cultivar’, pertencente à terminologia das ciências agrárias, serão enfocados com base em uma teorização prévia sobre a categoria de gênero em diversas línguas e, especificamente, no PB. Serão considerados, também, aspectos que se relacionam à Lexicografia.

PALAVRAS-CHAVE: gênero, português do Brasil, terminologia, Lexicografia.

1. INTRODUÇÃO

A categoria de gênero² é um tema controverso na Linguística e suscita diversas discussões acerca da sua natureza nas línguas. O objetivo deste artigo é apresentar uma discussão dessa categoria com base na análise de exemplos do Português do Brasil (PB) no âmbito da língua comum e da linguagem de especialidade. Os exemplos ‘meninada’ e ‘molecada’, da língua comum, e ‘a cultivar’, pertencente à terminologia das ciências agrárias, serão enfocados com base em uma teorização prévia sobre a categoria de gênero em diversas línguas e, especificamente, no PB. Serão considerados, também, aspectos relacionados à Lexicografia. Segundo o Novo Dicionário Aurélio (2004), o verbete – unidade estrutural do dicionário – “contém as informações referentes a uma determinada palavra”; a classificação do gênero, portanto, importa também para a Lexicografia.

1. A categoria de gênero nas línguas indo-européias

² Aqui adotamos a terminologia de Mattoso Camara Jr. que se refere ao gênero como uma categoria.

A questão do gênero nas línguas remete às propostas iniciais da Lingüística postuladas por Saussure (1969), quanto à arbitrariedade do signo lingüístico. Afinal, o que determina o gênero de ‘mesa’ e ‘cadeira’? Nada em sua constituição semântica, ao contrário do que se verifica com os seres animados, pode embasar essa atribuição.

Sob uma perspectiva diacrônica, Meillet (1964:124) apresenta uma hipótese para a origem da atribuição do gênero feminino nas línguas indo-européias. Segundo ele, nas línguas pré-históricas a categoria de gênero tinha, possivelmente, uma espécie de “força semântica”. O gênero feminino seria a subdivisão de uma outra classe, a dos seres animados, em oposição à classe dos seres inanimados, considerados neutros.

Segundo o autor, o gênero feminino, para os nomes de seres vivos, servia para designar a “fêmea”. Essa noção teria se estendido a todos os seres considerados animados; por exemplo: ‘terra’, feminino, em oposição a ‘céu’, masculino. O autor destaca que nem todos os casos podem ser diretamente explicados com base nessa motivação, apenas considera que, uma vez que a categoria de gênero foi criada, ela teve de ser aplicada à totalidade dos nomes na língua. Isso explicaria a ausência da “força semântica” da categoria de gênero nos casos que fazem referência a seres inanimados como ‘a mesa’, ‘a cadeira’, ‘a lua’, já que nesses casos não é possível resgatar a sua motivação.

Assim, no primitivo indo-europeu, a categoria de gênero estaria fundamentada na noção de sexo dos seres animados. Essa funcionalidade tornou-se dispensável quando estendida aos seres inanimados. Segundo Carvalho e Nascimento (1977: 81), no grego e no latim, o gênero neutro foi conservado, embora tenha se atribuído gênero aos seres inanimados. Nas línguas neolatinas, o gênero neutro desapareceu e hoje não existe mais como categoria gramatical. Sobre as causas do desaparecimento do gênero neutro, os autores apresentam duas hipóteses: uma fonética, em referência à analogia das formas, e uma psicológica, relacionada à não-necessidade da oposição entre animado e inanimado.

Sobre as causas fonéticas, os autores destacam que, na primeira declinação do latim³, não havia nomes neutros. A maioria era de nomes femininos, com a terminação em ‘-a’, o que se tornou característica dos nomes femininos. Na segunda declinação, a maioria era de nomes masculinos e neutros. Assim, a final ‘-o’ caracterizou o gênero gramatical masculino. Como os substantivos neutros tinham as desinências identificadas com o masculino, então assumiram esse gênero gramatical, exemplo: *pratum* > prato > prado. Na terceira declinação,

³ Os substantivos latinos estão distribuídos em cinco declinações cujas características práticas são as desinências do genitivo singular.

como regra geral, pode-se considerar que os neutros também se incorporaram ao gênero masculino.

Em linhas gerais, os nomes neutros no latim vulgar se tornaram, no singular, masculinos; e no plural, femininos. Isso deixou vestígios no PB, segundo Carvalho e Nascimento (1977: 82), nos seguintes casos:

1. Pronomes demonstrativos: isto (esta coisa); isso (essa coisa).
2. Pronomes indefinidos: tudo (toda coisa); nada (nenhuma coisa).
3. Adjetivo substantivado: o útil (a coisa útil); o belo (a coisa bela).
4. Infinitivos substantivados: o cantar dos pássaros.

2. O CONCEITO DE GÊNERO

Sobre o tema, Crystal (1988:124), no verbete ‘gênero’ do Dicionário de Linguística e Fonética, destaca a necessidade da distinção entre o gênero natural, que tem a ver com o sexo das entidades do mundo real, e o gênero gramatical, que não se refere ao sexo.

Se assumirmos a hipótese proposta por Meillet (1964: 124), a categoria de gênero gramatical, na sua natureza, estaria relacionada ao gênero natural, com base na referência ao sexo dos seres animados. Uma vez perdido esse elo, e estendida a noção ao seres inanimados, neutros, foi criada uma categoria que, segundo Crystal (1988:124), é estritamente gramatical, responsável por estabelecer contrastes como masculino/feminino/neutro.

Crystal (1988:124) destaca que o gênero gramatical não é uma característica do inglês, embora algumas partes da língua possam ser analisadas nesses termos com base na correlação entre pronomes. Ele cita o exemplo de *he/she*, que co-ocorrem com *who/whose*, e o *it* que co-ocorre com o *which*. O gênero no inglês mostra contrastes naturais, ou seja, *he* se refere a homens e animais machos. Os poucos casos que não obedecem a essa noção como *ship*, navio, ser referido por *she*, feminino, constituem problemas que ensejam consideráveis discussões na Linguística.

Sobre a questão de gênero no PB, a discussão proposta por Camara Jr. (1988: 88) constitui um marco importante por ser uma das primeiras tentativas de abordá-la criticamente. O autor fala em ‘flexão de gênero’ e ressalta a maneira confusa e incoerente com que é tratada

nas gramáticas tradicionais do português. Para ele, há necessidade de esclarecer a incompreensão semântica de sua natureza.

O autor faz duas considerações, a primeira é que “o gênero abrange todos os nomes substantivos portugueses, quer se refiram a seres animais, providos de sexo, quer designem apenas <<coisas>>”. A segunda, que “mesmo em substantivos referentes a animais e pessoas há discrepância entre gênero e sexo, não poucas vezes”.

Pottier (1975: 43) estabelece essa distinção de forma clara, dividindo entre ‘sexo’, motivado objetivamente: macho e fêmea. E ‘gênero’, de caráter abstrato, que utiliza a mesma morfologia do sexo, com o acréscimo de um terceiro elemento, o neutro, além do masculino e feminino. Sobre a importância da distinção entre ‘sexo’ e ‘gênero’, o autor nota que, a oposição entre o macho e a fêmea é simétrica. Porém, no que se refere ao funcionamento do sistema de oposição de gênero, ele se dá de forma assimétrica. Na morfologia teríamos, ‘-a’ para referência exclusivamente feminina, e ‘-o’ para referência exclusivamente masculina ou masculina e feminina. Ainda na morfologia, para os nomes, os morfemas de gênero seriam ‘-a’ em oposição a ‘-o’, e morfema zero em oposição a ‘-a’.

As gramáticas modernas da língua portuguesa apresentam um enfoque da categoria de gênero como parte da estrutura da língua, buscando especificá-lo por meio de um mecanismo formal de seleção do artigo definido. Segundo Bechara (2003, p. 131), “são masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo ‘o’, são femininos os nomes a que se pode antepor o artigo ‘a’”. Essa concepção remete a Camara Jr. (2004, p. 152) e ao que ele chamou de princípio fundamental da morfologia do gênero. Para ele, todos os nomes em português admitem a determinação pelo artigo, ou seja, o gênero de um substantivo está na flexão do artigo que o determina.

Sobre a questão da flexão, Rosa (2003, p. 125) considera que se assume o gênero como um fenômeno flexional, embora as gramáticas nem sempre definam claramente o que é flexão. Para a autora, a categoria de gênero seria inerente aos nomes. Freitas (1981, p. 30) também aponta a incoerência de nossas gramáticas na distinção entre flexão e derivação, processos que têm papéis delimitados no sistema. Segundo o autor, os afixos caracterizadores de grau são sufixos derivacionais, razão pela qual não se fala em “flexão de grau”. Quanto ao gênero, para os nomes, ele seria caracterizado por flexão, marcado pelo morfema zero (masculino), e pelo morfema flexional ‘-a’ (feminino). Para Kehdi (1999, p. 18), tanto o processo flexional quanto derivacional pode se exprimir na designação do gênero. No caso de garoto/garota

teríamos a flexão, no caso de conde/condessa, teríamos derivação com o acréscimo de um sufixo ao radical.

A seguir apresentaremos os exemplos do Português do Brasil (PB) no âmbito da língua comum e da linguagem de especialidade: ‘meninada’ e ‘molecada’, da língua comum, e ‘a cultivar’, pertencente à terminologia das ciências agrárias.

3. DISCUSSÃO

3.1 O caso de ‘meninada’ e ‘molecada’: desinência de gênero ou vogal temática?

Vamos discutir dois casos em PB, ‘meninada’ e ‘molecada’, com base nos pressupostos teóricos apresentados na introdução, buscando entender a questão do gênero e as ambigüidades conceituais que essa categoria apresenta.

No Novo Dicionário Aurélio (NDA), as duas formas estão assim registradas:

1. **meninada**

[De *menino* + *-ada*¹.]

Substantivo feminino.

1. **Bando ou porção de meninos e/ou meninas; criançada.**

2. **molecada**

[De *moleque*¹ + *-ada*¹.]

Substantivo feminino. Bras.

1. **Grupo ou corja de moleques.**

Para discutir os exemplos em sua totalidade, nos basearemos nas considerações dos autores discutidos neste artigo. Partimos, então, da distinção entre gênero gramatical e gênero natural discutida na introdução. Ambas as formas analisadas são registradas no NDA como derivadas da forma masculina do nome, ‘menino’ e ‘moleque’. Há, nesse caso, uma correspondência entre o gênero natural do referente no mundo, e o gênero gramatical da palavra que o designa:

- (i) O menino: nome masculino que se refere ao indivíduo do sexo masculino.
- (ii) O moleque: nome masculino que se refere ao indivíduo do sexo masculino.

Ambas as formas pertencem ao gênero gramatical masculino, como mostra o artigo ‘o’ que as determinam. Cunha (1983: 58) considera que, para os nomes, a terminação em ‘o’ é

desinência de gênero quando a terminação em ‘a’ representar uma oposição, por exemplo, ‘menina’ e ‘menino’. A respeito das terminações em ‘a’ e ‘o’ não opostas e das terminações em ‘e’, não são feitas considerações.

Já Camara Jr. (1975, p. 119) propõe que o masculino é um morfema zero, enquanto o feminino é designado pela terminação em ‘a’. Para o autor, do ponto de vista semântico, o masculino é uma forma geral, não marcada, e o feminino indica uma especialização qualquer.

Para as formas que estão sendo analisadas, ‘meninada’ e ‘molecada’, podemos concluir que, se considerarmos o seu referente no mundo, não há concordância entre o gênero gramatical e o gênero natural. Isso fica claro no verbete ‘meninada’ no NDA que registra que este se refere a: “bando ou porção de meninos e/ou meninas”. É importante notar que, se fosse feita referência a um “bando de meninos” e “bando de meninos e meninas” no PB, poderia ser usada a forma ‘os meninos’, masculino genérico. Enquanto um “bando de meninas” seria referido apenas como ‘as meninas’, o que dá suporte à noção do masculino como a forma menos marcada no PB.

No verbete ‘molecada’, o NDA registra que é um “grupo ou corja de moleques”. A busca por ‘moleque’, “menino de pouca idade” (NDA, 2004), e ‘moleca’, “fem. de moleque” (NDA, 2004), indica que há oposição de gênero natural e gramatical. Ao contrário do que registra o NDA, o uso de ‘molecada’, prova que a forma faz referência a um “grupo de moleques **e/ou molecas**”⁴, já que se observa fenômeno semelhante ao caso de ‘meninada’. Assim, temos que:

- (iii) A meninada: nome feminino que se refere aos indivíduos do sexo masculino e/ou feminino.
- (iv) A molecada: nome feminino que se refere aos indivíduos do sexo masculino e/ou feminino.

Sobre a origem etimológica de ‘menino’ e ‘moleque’, Cunha (1986: 512, 528) registra, para ‘menino’: *sm.* ‘criança do sexo masculino’ XIII voc. de criação expressiva; e, para ‘moleque’: do quimbundo *muleke* ‘menino, rapazote’. No NDA, sobre a formação de ‘meninada’ e ‘molecada’, os verbetes se limitam a informar ao consulente que esta se deu com base na forma masculina dos dois nomes, acrescida do sufixo nominal ‘-ada’:

menino	+	-ada	=	meninada
moleque	+	-ada	=	molecada

⁴ O destaque em negrito foi incluído por nós.

O sufixo ‘-ada’ que deu origem às formas acima é registrado no NDA como: “1. tônico = ‘ação’ ou ‘resultado de ação (enérgica)’; ‘coleção’; ‘multidão’; ‘golpe’; ‘produto alimentar’; ‘duração’; ‘porção’; ‘marca feita com um instrumento’; ‘acontecimento’; ‘movimento’. [Equiv.: [...] -eada, -iada, **-oada**⁵, -uada, -zada].

No Dicionário Etimológico de Cunha (1986: 13), são registrados dois sufixos ‘-ada’: o primeiro “*suf. nom.* forma substantivos de outros substantivos portugueses, com as acepções de: (i) multidão, reunião; (ii) porção contida em; (iii) duração prolongada (...)”; e o segundo: “*suf. nom.* que se documenta: (i) em coletivos, como década; (ii) em patronímicos femininos, como dríade”.

Se entendermos que as formas geradas a partir de ‘menino’ e ‘moleque’, a saber, ‘meninada’ e ‘molecada’, guardam alguma identidade gramatical de gênero coincidente com a identidade natural de gênero, seria possível supor que em PB teríamos:

meninada e molecada: bando de meninas/molecas.

*meninoada e *molecoada: bando de meninos/moleques.

O exposto toma como base o registro no NDA (2004) da forma ‘-oada’, equivalente ao sufixo nominal ‘-ada’. No entanto, as formas *meninoada e *molecoada não existem no PB, o que nos permite concluir que a formação de ‘meninada’ e ‘molecada’ se deu do seguinte modo:

menin- +	-ada	=	meninada
molek- +	-ada	=	molecada

Em ‘-ada’ temos uma vogal temática, formativo que expande a raiz para a constituição do tema, base para as marcas flexionais (Rosa, 2003: 126; Ferreira 1988: 14).

Temos então que ‘meninada’ e ‘molecada’ são duas formas que apresentam gênero gramatical feminino (como pode ser constatado pela concordância de ambas com o artigo definido feminino ‘a’), formadas a partir dos radicais ‘menin-’ e ‘molek’, unidos pela vogal temática ‘-a’ ao sufixo nominal ‘-ada’. As formas ‘meninada’ e ‘molecada’ contradizem o tradicional uso do masculino genérico no PB em referência a pessoas, o que mostra que a natureza do gênero feminino, para ambas as formas, é puramente gramatical.

O masculino genérico com referência a pessoas é constatado no uso de ‘os meninos’ para ambos os sexos, masculino e feminino. Em ‘meninada’ e ‘molecada’ ocorre o contrário, a noção de coletividade é expressa para ambos os sexos no feminino.

⁵ Grifo nosso.

3.2 O caso de ‘a cultivar’: comportamento da categoria de gênero na linguagem de especialidade

Um aspecto interessante a se observar no tratamento da categoria de gênero em língua portuguesa é o comportamento de itens lexicais originados da língua inglesa e adaptados à língua portuguesa ou traduzidos daquele idioma para este. Por serem os sistemas de atribuição de gênero das duas línguas distintos, vários fenômenos podem ser observados na tradução de textos.

Nas gramáticas normativas de língua inglesa a especificação da categoria de gênero se encontra dentro do tópico destinado ao estudo dos substantivos. Na gramática de Thomson & Martinet (1990:24), *A practical English Grammar*, o índice número 11⁶, expõe o funcionamento dessa categoria, e que consideramos fundamental transcrever. O item 11 está dividido em três subtópicos. Vejamos:

“Gender:

A Masculine: men, boys and male animals (pronoun He/they).

Feminine: women, girls and female animals (pronoun she/they).

Neuter: inanimate things, animals whose sex we don’t know and sometimes babies whose sex we don’t know (pronoun it/they).

Exceptions: ships and sometimes cars and other vehicles when regarded with affection or respect are considered feminine. Countries when referred to by name are also normally considered feminine.

B Masculine/feminine nouns denoting people

1 Different forms:

(a) Boy, girl father, mother husband, wife son, daughter

Main exceptions baby, child, cousin, relative

(b) Duke, duchess prince, princess lord, lady

2 The majority of the nouns indicating occupation have the same form:

Artist, cook, driver

Main exceptions actor, actress, heir, heiress, host, hostess

Also salesman, saleswoman etc., but sometimes –person is used instead of- man. –woman.

C Domestic animals and many of the larger wild animals have different forms:

Bull, cow tiger, tigress, lion lioness.

⁶ A organização dos assuntos relacionados aos temas acata uma disposição numérica, convencionalizada pelos autores, com finalidade de organização e possivelmente facilitação da recuperação do tema pelo usuário.

Others have the same form.” *

*(com algumas supressões)

Observamos que, ao contrário do PB, no qual o gênero é uma categoria, inerente aos nomes – ainda que indicada pelo uso dos artigos ‘o’, ‘a’ – na língua inglesa, ele é identificado exclusivamente pelos pronomes *he/she/it*.

Pode-se observar que também na língua inglesa utiliza-se o recurso de especificação pelo sexo dos seres animados, ou seja, do gênero natural, biológico, na configuração do gênero gramatical, também verificado em língua portuguesa, a fim de utilizar a terminologia usada por Crystal (1988, p. 124).

Esse recurso, conforme se pode perceber com base em estudos de Camara Jr. (1988, p. 88) para a língua portuguesa, e outros autores, como Corbett (1991), que desenvolveu amplo estudo do comportamento dessa categoria em línguas diversas, se mostra muitas vezes pouco eficiente e capaz de provocar grandes confusões, já que, em português, todos os itens lexicais, substantivos, e adjetivos pelo fenômeno da concordância, possuem distinção de masculino ou feminino independentemente de serem seres animados ou inanimados, e portanto pertencentes ao sexo feminino ou masculino.

No caso de homem/mulher, os itens lexicais possuem referentes que representam o exemplar macho e o exemplar fêmea da espécie humana, o que ocorre igualmente em pares como lobo-loba, menino-menina, e gato-gata. Tratados como flexão do feminino esses pares na verdade designam referentes distintos do estado de coisas.

A diferença da abordagem do gênero nas duas línguas está definida principalmente pela existência da especificação de neutro, para coisas inanimadas e animais e bebês cujo sexo seja desconhecido, em inglês, enquanto no PB, não se encontra essa subdivisão dos neutros. Uma consequência dessa disposição no tratamento do gênero em português é o caráter fundamental que a presença dos pronomes passa a assumir como instrumento para identificação dos referentes demarcados pelo usuário.

O recurso preconizado por Camara Jr. (1988, p. 91) para desfazer o problema, que estaria baseado num mecanismo formal, que é a anteposição do artigo ao nome ao qual se refere, ou seja, a mesa, a cadeira, o livro, como forma de solucionar a questão, se mostraria pouco eficiente no caso da língua inglesa, já que o artigo definido na forma *the* ou o indefinido na forma *a/an* podem ser empregados na língua inglesa indistintamente diante de palavras pertencentes ao gênero masculino, feminino ou neutro (*the cat, the flower, the cultivar*).

Essa discussão pode ser aplicada ao caso do item lexical ‘a cultivar’, frequentemente utilizado por pesquisadores, agrônomos, produtores rurais e autores de artigos científicos na área de ciências agrárias. Os dicionários mais utilizados em língua portuguesa, o Aurélio e o Houaiss, tratam o verbete de maneira distinta. No Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2004, p. 586), há dois verbetes, um destinado unicamente ao substantivo feminino e outro ao verbo. O Houaiss destinou apenas um único verbete, que não trata diretamente da questão a que nos propomos discutir. Por isso, segue a transcrição dos dois verbetes do Dicionário Aurélio:

Cultivar¹ [Do ingl. Cultivar < cultiv(ated) var(iety)]. s.f. Variedade híbrida de vegetal obtida mediante cultivo [T. criado para estabelecer a distinção entre híbrido cultivado e o híbrido silvestre.] “Estes ensaios têm por objetivo a avaliação contínua das diferentes cultivares de milho em praticamente todo o território nacional”; “O programa busca a obtenção de cultivares modernas, que apresentem porte mais baixo,... tolerância à seca e a estresse mineral”. (em Relatório Técnico Anual do Centro Nacional de Pesquisa de Milho e Sorgo 1980-1984, Sete Lagoas, Embrapa 1986) [Cf. cultivar, v.]

Cultivar² [Do b-lat. *Cultivare*] v. t. d. **1.** Fertilizar (a terra) pelo trabalho; amanho: Em vão procuraram os lavradores cultivar aqueles campos cansados. **2.** Dar condições para o nascimento e desenvolvimento de (planta); Cultivar o trigo; III “Gostava muito de flores.... Bem pena tinha de não possuir um pedacinho de quintal onde as cultivasse!” (José régio, Histórias de Mulheres, p. 83). **3.** Fig. Procurar formar; desenvolver; III Cultivar o gosto pelas letras. **4.** Aplicar-se ou dedicar-se a: III Cultivar as artes. **5.** Procurar manter ou conservar: III Cultiva suas amizades da infância. **6.** Formar, educar ou desenvolver pelo estudo, pelo exercício; III Não cultiva os seus talentos. Int. **7.** Exercer a agricultura. P **8.** Formar-se pela educação; adquirir cultura [Pres. Ind.: cultivo, etc; pret. Imperf. Ind.: cultivava,... cultiváveis, cultivavam Cf. cultivar, s. f., cultivo, S. m., e cultiváveis, pl. de cultivável]

Consideramos também pertinente a transcrição do verbete encontrado em dicionário de língua inglesa tanto de *cultivate* (Little, 1970: 436) quanto de *cultivar* (Funk, 1966.: 327).

Cultivate (...) v. 1620: [cultivate-, ppl. Stem of late L. *cultivare* to till. F. late L. *cultivus* characterized by being tilled. F. *cultus, colere*. Cf. captivate] **I.** trans. To bestow labour and attention upon (land) in order to the raising of crops, to till. **2.** To produce or raise by tillage. Also transf. 1697. **3.** Fig. To improve and develop by education and training; to refine 1681. **4.** To promote the growth of, to foster 1662. **5.** To devote ones attention to practice, cherish 1749.

Cultivar n. Bot. A horticultural variety of plant or flower. [< culti(vated) + (var(iety))].

Observa-se que a palavra foi criada em língua inglesa, de uma composição da segmentação de duas partes iniciais oriundas da composição **culti(vated) + var(iety)** e tem sido utilizada com o mesmo sentido. Em referência ao sentido da palavra, verifica-se até

mesmo um esclarecimento adicional justificando a necessidade de criação do termo, constante no Dicionário Aurélio (Ferreira, 2004: 586).

Ainda uma última transcrição (Glossário, 1996, p. 22 e 54) que se mostrará passível de esclarecer alguns pontos no tratamento de gênero destinado a esse item lexical é a que se segue. E, ainda que conste em publicação não muito cuidada do ponto de vista das técnicas lexicográficas, poderá contribuir para a análise proposta:

Cultivar – Conjunto de genótipos cultivados, o qual se distingue por características morfológicas, fisiológicas, citológicas, bioquímicas ou outras de grupos relacionados da mesma espécie, e que, quando multiplicado por via sexual ou assexual, mantém suas características distintivas. Cultivar é sinônimo de variedade. Uma vez que cultivar é neologismo, o gênero do verbete é fixado pela Academia de Letras, que determinou ser o mesmo do gênero feminino. É prática comum, contudo, que se use o termo no masculino. A cultivar é a menor categoria taxonômica para nomes reconhecidos pelo Código Internacional de Nomenclatura de Plantas Cultivadas. Veja variedade.

Variedade – Categoria taxonômica de planta sempre abaixo daquela da espécie. 1. Em taxonomia vegetal, a variedade ocupa uma posição abaixo da categoria de subespécie, mas acima de forma, e é sempre escrita em latim (Ex.: *Euphorbia milii* var. *milii*). 2. Em melhoramento genético, a variedade é sinônimo de variedade cultivada e cultivar. Nomes de cultivares ou variedades criados a partir de 1 de janeiro de 1959 devem ter um nome imaginário (ex.: *Solanum tuberosum* cv *Alba striata* ou batata “*Alba striata*”) e devem ser bem diferentes de um nome botânico escrito em latim. Veja cultivar.

Essa última transcrição do verbete ‘cultivar’ constante no Glossário (1996: 24) mostra a preocupação dos organizadores e dos pesquisadores com a atribuição do gênero ao termo criado. Mas não esclarece que se trata de uma palavra da língua inglesa, conforme consta em Ferreira (2004, p. 586). Além disso, indica que a atribuição do gênero feminino foi estabelecida pela Academia Brasileira de Letras, mas que ambos os usos, ou seja, o uso no gênero masculino também é encontrado.

Uma hipótese para a explicação da atribuição e uso do gênero feminino ao item lexical ‘cultivar’, ou na adaptação da palavra de origem inglesa, em que o gênero seria o neutro e o pronome utilizado em circunstância de anáfora ou catáfora para fazer referência a esse item seria o pronome neutro *it*, para o português poderia estar no fato de que houve uma acomodação ou transferência para o gênero do item ‘variedade’, que compõe o item em questão, e que em português é tratado como do gênero feminino, ou seja, ‘a variedade cultivada’ e por extensão, ‘a cultivar’. Essa decisão pode, além disso, ter sido baseada na análise de que a posição de ‘o cultivar’, em referência ao ato e, portanto, à forma verbal, de

‘cultivar’, já estaria ocupada. Restando assim a forma feminina para o substantivo ‘cultivar’, apesar de ambas as formas serem admitidas.

Há necessidade de se definir, no momento da tradução do inglês para o português, quando se está lidando com palavra pertencente ao gênero neutro naquela língua, como é o caso de *the cultivar*, de que maneira se fará a transposição para uma língua que não possui tal distinção, ou seja, neutro. A reflexão para a decisão pode se fundamentar nos aspectos mencionados anteriormente, tanto de se recorrer ao gênero da formação ‘variedade’ ou ao de uma possível comparação com o uso do verbo ‘cultivar’, que possui a mesma forma, constituindo-se também em exemplo de possível estudo no campo da sinonímia ou polissemia.

Observa-se, no entanto, uma recomendação no sentido de padronização para a utilização da forma no gênero feminino, conforme estipula Ferreira (2004, p. 586).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange à atribuição de gênero, percebemos que se trata de um estudo pertinente à Lexicografia. Os verbetes do dicionário apresentam informações ao consulente sobre a classe gramatical da palavra e o gênero a que pertence. Estudos da compreensão do funcionamento do gênero nas línguas já proporcionaram obras com abordagens inovadoras em PB, como é o caso do Dicionário de Usos do Português de Francisco Borba.

Para a Lexicografia, e para as disciplinas que buscam compreender os diversos aspectos controversos das línguas, esses estudos podem ser úteis na formulação dos dicionários, vocabulários, glossários de termos técnicos, e outras obras cujo tema seja o registro do comportamento e evolução de itens lexicais.

Estudos sobre as origens etimológicas das palavras podem, também, ajudar na compreensão da atribuição do gênero, já que permitem observar a sua evolução e funcionamento desde o latim clássico, ao latim vulgar, até a língua portuguesa.

No caso de ‘meninada’ e ‘molecada’, foi estabelecida uma análise que desfizesse, inicialmente, as possíveis inconsistências na atribuição que se faz do gênero gramatical e natural. Ambos os termos são formados com base em palavras que, no mundo, estabelecem uma referência marcada pela consistência entre a classificação gramatical e natural (a menina, nome feminino, possui no mundo um referente feminino). Com base na morfologia, foi estabelecido, ainda, o processo de formação que gerou as formas com o acréscimo do sufixo nominal ‘-ada’, ligado ao radical por meio da vogal temática.

No caso específico de ‘a cultivar’, discutido neste artigo, a compreensão do gênero no momento de transpor um determinado item lexical de uma língua para outra é fundamental. A comparação do funcionamento do gênero em várias línguas não pode ser evitada, principalmente quando se está transpondo um texto de uma língua para outra, ou quando há um empréstimo de determinado item lexical com origem em uma língua com um sistema de atribuição diferente, conforme demonstra o caso exemplificado entre o inglês e o PB.

O primeiro registro do item lexical em questão, *cultivar*, foi observado em Funk (1966), e sua criação está fundamentada numa renovação científica que ocorreu na sociedade e no mundo após o término da Segunda Grande Guerra. Esse fenômeno, desde então, tem-se intensificado, e conseqüentemente o surgimento de palavras para denominar todas as novas tecnologias e seus instrumentos. Com origem na língua inglesa e classificado como pertencente ao gênero neutro, esse item lexical foi transposto para a língua portuguesa como substantivo feminino, conforme registrado no Dicionário Aurélio. Ou seja, houve uma escolha para que o item ocupasse um dos dois possíveis gêneros existentes em língua portuguesa. A recomendação corrente é que se use a palavra no feminino, mas não é incomum encontrá-la no masculino, “o cultivar”.

Para finalizar, a sustentar a escolha pelo feminino, acresce o fato da concordância com o item ‘variedade’, também feminino, por onde a fundamentação da recomendação pode ter recorrido. A recomendação permanece e se sustenta nessa argumentação, apesar de não haver erro no uso de ‘o cultivar’.

Assim, os exemplos analisados permitem compreender o caráter controverso da categoria de gênero no PB, e pesquisas adicionais são necessárias para promover a reflexão e discussão do funcionamento dessa categoria.

DISCUSSION OVER THE CATEGORY OF GENDER IN BRAZILIAN PORTUGUESE

ABSTRACT

This article presents some discussion on gender based on the analysis of cases from Brazilian Portuguese (BP) in the scope of common and specialized languages. The examples ‘meninada’ and ‘molecada’, from common language, and ‘a cultivar’, a term used in agricultural sciences, will be analyzed from a theoretical perspective of gender in different languages and, more specifically, in BP. Moreover, aspects related to Lexicography will also be considered.

KEYWORDS: gender, Brazilian Portuguese, terminology, Lexicography.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª ed. revista e ampliada. Editora Lucerna. Rio de Janeiro, 2003.
- CAMARA Jr., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 18ª edição. Editora Vozes. Petrópolis, 1988.
- CAMARA Jr., J. **Dicionário de Lingüística e Gramática**. 22ª edição. Editora Vozes. Petrópolis, 2001
- CAMARA Jr., J. M. **Considerações sobre o gênero em português**. In: *Dispersos*. Nova edição revista e ampliada. Editora Lucerna. Rio de Janeiro, 2004.
- CAMARA, Jr., J. M. *Dispersos*. **Coleção Estante da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Editora da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1975.
- CARVALHO, D. Garcia & NASCIMENTO, Manoel. **Gramática Histórica: para o 2º grau e vestibulares**. 12. ed. Editora Ática. São Paulo, 1977.
- CORBETT, G. Gender. **Cambridge textbooks in Linguistics: Cambridge University Press**. Great Britain, 1991.
- CRYSTAL, David. **Dicionário de Lingüística e Fonética**. Jorge Zahar Editor Ltda. Rio de Janeiro, 1988.
- CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 2ª edição Revista e Ampliada. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1986.
- CUNHA, Celso Ferreira. **Gramática do Português Contemporâneo**. Editora Padrão. Rio de Janeiro, 1983.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. 3ª edição. Editora Positivo. Curitiba, 2004.
- FERREIRA, Maria Aparecida S. de Camargo. **Estrutura e formação de palavras**. Atual Editora LTDA. São Paulo, 1988.
- FUNK, I. K. **Standard college dictionary**. New York, Harcourt, Brace & World, Inc. New York, 1966.
- GLOSSÁRIO de Recursos genéticos vegetais**. Afonso Celso Candeira Valois, Antonieta Nassif Salomão, Antonio Costa Allem (org). Brasília, Embrapa (SPI), 1996.
- FREITAS, Horácio Rolim de. **Princípios de Morfologia**. 2ª edição. Coleção Linguagem. Editora Presença. Rio de Janeiro, 1981.
- KEHDI, Valter. **Morfemas do Português**. 5ª edição. Editora Ática. São Paulo, 1999.
- LITTLE, W. **The Oxford University Dictionary Illustrated**. Oxford at the Clarendon Press, v. 1., London, 1970.
- MEILLET, A. The Feminine Gender in the Indo-European Languages. In: **Language in culture and society: A reader in Linguistics and Anthropology**. Dell Hymes. Harper International Edition. New York, Evanston and London, 1964.
- Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**, Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0, Editora Positivo, 2004.
- POTTIER, Bernard. **Estruturas Lingüísticas do Português**. 3ª edição. Editora Difel. São Paulo/Rio de Janeiro, 1975.
- ROSA, M. C. **Introdução à morfologia**. Editora Contexto. 3ª edição. São Paulo, 2003.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Editora Cultrix. São Paulo, 1969.